

# A difícil arte de sobreviver no inferno: entre o rap dos Racionais MC's e o *princípio pluralista*

## The difficult art of surviving in hell: between Racionais MC's rap and the *pluralist principle*

### Resumo

A presente discussão tem por intuito relacionar a temática do rap dos Racionais MC's com a temática da religião tendo como eixo articulador *princípio pluralista*. É possível uma leitura teológica da música *Gênesis*? A hipótese traçada consiste em sinalizar os elementos convergentes tanto nas letras de rap, e postura do grupo em si, com a proposta teológica pluralista. Buscou-se por meio da análise de *Gênesis* do álbum *Sobrevivendo no Inferno* evidenciar as tônicas teológicas que nela existem e apresenta-las numa proposta de libertação comprometida com a vida e com a emancipação humana.

Palavras-chave: Racionais MC's, *princípio pluralista*, inferno, periferia, libertação.

### Abstract

The purpose of this discussion is to relate the theme of rap by Racionais MC's with the theme of religion, having the pluralist principle as an articulating axis. Is a theological reading of *Genesis* music possible? The hypothesis outlined consists of signaling the convergent elements both in the rap lyrics, and the group's posture itself, with the pluralist theological proposal. Through the analysis of *Genesis* from the album *Surviving in Hell*, we sought to highlight the theological tones that exist in it and present them in a proposal of liberation committed to life and human emancipation.

Key-words: Racionais MC's, *pluralist principle*, hell, periphery, liberation.

### Introdução

O presente artigo pretende estabelecer a relação entre rap e teologia por meio de uma abordagem articulada pelo *princípio pluralista*. O intuito é tratar da letra de *Gênesis* do grupo Racionais MC's. *Gênesis* é uma das faixas de *Sobrevivendo no Inferno*, um dos CD's do grupo, que se notabilizou no cenário nacional em fins dos anos 1990 e início dos anos 2000<sup>1</sup>.

Além de abordar a letra em si articularemos a discussão com dois trabalhos que discutem o tema do rap dos Racionais MC's: D'andrea (2013) e Takahashy (2014). Ambos os autores buscaram abordar o rap por meio de um viés sociológico. Takahashy,

---

<sup>1</sup> Racionais é um grupo de rap da periferia de São Paulo que ganhou notabilidade nacional por meio de suas letras musicais retratando a realidade da periferia. Por algumas posturas políticas e sociais o grupo passou a ser conhecido. Historicamente críticos ao *sistema* posicionaram-se em favor de algumas candidaturas do Partido dos Trabalhadores (PT). Mano Brown, um dos integrantes do grupo, mantém um relacionamento próximo ao senador Eduardo Suplicy.

traz uma inovação curiosa ao sinalizar para a perspectiva religiosa das letras do grupo, ao passo que D'andrea defende a ideia de um sujeito periférico representado nas canções.

Nossa empreitada é buscar essa interface entre teologia e rap visando encontrar as congruências entre ambas as correntes, pois nos despertam atenção os termos teológicos utilizados com frequência nas letras das músicas do grupo, sobretudo, em *Sobrevivendo no Inferno*.

## 1 – “Eu tô tentando sobreviver no inferno”

Abordar do tema do rap dos Racionais MC's em qualquer perspectiva é um desafio dado o fato de se tratar de um grupo com três décadas de carreira e vasta produção. A evolução das letras e posturas de seus componentes caminha *pari passu* com o desenvolvimento da sociedade brasileira, de modo que, numa breve análise dos álbuns pode-se entender o que se passou no Brasil em fins dos anos 1980; nos 1990 e nos anos 2000, por exemplo.

Nossa empreitada, entretanto, visa abordar o disco *Sobrevivendo no Inferno*, e de forma mais precisa a faixa *Gênese*. Para isso é necessária uma contextualização breve de alguns eventos ocorridos no Brasil, sobretudo, da década de 1990.

Os processos sociais e políticos na constituição do Brasil legaram às regiões afastadas dos grandes centros e nas periferias urbanas uma situação de ausência do poder público. Devido a essa situação alguns setores ocuparam-se de desempenhar o papel formativo em muitas localidades. Em grande parte dos anos 1960 e 1970 as igrejas por meio das comunidades de base ocuparam importante função junto ao povo periférico. Somou-se a isso a atuação de organizações não governamentais que buscaram desenvolver programas culturais e de conscientização política.

O Partido dos Trabalhadores (PT) em sua constituição como partido político e movimento de massas despontou como vanguarda dessa militância. Em conjunto com outras frentes foi responsável por uma forte atuação junto às bases populares. Contudo, o que se passou no Brasil no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 essa atuação tendeu a diminuição e ao desaparecimento. Como atesta D'Andrea

O desaparecimento da movimentação política engendrada pelo PT nas periferias de São Paulo e o fim das discussões fomentadas pelas CEBS foram fatores fundamentais para a falta de representatividade política que passou a assolar os bairros populares à época. A perda destes referenciais é sentida até hoje, e nunca mais as periferias urbanas voltaram a fervilhar politicamente com a mesma intensidade como ocorreu nos anos 1980 e em grande parte devido à ação destes dois agentes (D'ANDREA, 2013, p.51).

Se por um lado houve esse arrefecimento por parte dos movimentos sociais e partidos políticos de viés popular, por outro os anos 1990 foram marcados pela adoção de uma política neoliberal no Brasil. Fruto disso foram as eleições de Fernando Collor de Melo (1989) e Paulo Maluf (prefeito de São Paulo: 1993-1996).

As conquistas populares e os avanços no sentido de fortalecimento dos pobres foram enfraquecidas com as políticas de privatização e incentivo ao capital estrangeiro, promovidas no período. Dessa forma, a periferia foi penalizada, pois em sua maioria centrou-se em atividades de prestação de serviço e mão-de-obra barata com baixíssima remuneração.

Ser um jovem, pobre e periférico em São Paulo era sinônimo de poucas oportunidades no que diz respeito à empregabilidade. De certa forma é o que o autor Ferréz retrata em seu romance periférico *Capão Pecado*. Embora trate-se de um romance com realidades, por vezes, hipotéticas o autor consegue sintetizar parte dos dilemas vividos pelos jovens das periferias de São Paulo. Chama-nos ainda a atenção o fato de o livro passar-se no bairro do Capão Redondo, mesmo bairro de Mano Brown, um dos integrantes do grupo Racionais MC's.

A trama de Ferréz orbita em torno dos dilemas dos jovens da periferia de São Paulo. Em *Capão Pecado* o personagem principal é Rael que vive imerso numa realidade de privação e sofrimento no bairro do Capão Redondo. Inicialmente trabalha numa padaria de domingo a domingo, mas passado algum tempo consegue um emprego numa metalúrgica.

O dono da metalúrgica, seu Oscar veio entrevista-lo. Leu a ficha rapidamente e foi logo falando que só havia uma vaga na área de produção. Ele precisava de um ajudante de produção, e era um trabalho muito simples: fornecer as peças e pendurá-las com arames. Rael que estava afim de trabalhar e que qualquer coisa seria de grande ajuda. Seu Oscar pensou um pouco e disse que o novo funcionário poderia começar no dia seguinte. Rael ficou muito contente, deixou escapar um grande sorriso e disse que na manhã seguinte estaria ali (FERRÉZ, 2020, p.54)

Como ajudante de produção o personagem Rael consegue se ver realizado, pois a realidade que o cercava não oferecia outras oportunidades de trabalho. O romance visa retratar a realidade dos anos 1990 na periferia de São Paulo e sinaliza para a realidade difícil e, muitas vezes, sem grandes expectativas de vida para os jovens moradores. O romance ainda faz menção à convivência diária com a violência e o crime por partes dos jovens. Um dos pontos de destaque na obra é a dificuldade que os jovens tinham para não se envolver com alguns delitos e crimes, pois invariavelmente a realidade criminosa os

cercava, sendo assim, vez por outra acabavam imbricando-se com alguma questão transgressora. Um dos exemplos disso pode ser expresso no diálogo descrito na obra sobre um assalto a banco feito em que colocava em suspeição alguns moradores do Capão Redondo.

[...] A conversa aconteceu em torno do assalto que tinha acontecido no Banespa, pois certamente o dinheiro já tinha chegado ao Capão. Cebola tirou as dúvidas da cabeça de Alaor quando disse que o assalto fora realizado pelos amigos de Burgos; Alaor perguntou se Burgos e China estavam envolvidos e Cebola respondeu negativamente, explicando que só foram por causa das armas: a quadrilha ia bem armada e municada e não admitia os revólveres fracos dos dois (FERRÉZ, 2020, p.41)

De certa maneira essa compreensão representava a realidade não somente do Capão Redondo, mas de várias periferias do Brasil onde a juventude convivia diariamente com o crime. Muitas das pessoas envolvidas o faziam por falta de referencial e expectativa, pois a ausência do Estado e as escassas oportunidades do mercado de trabalho impeliam muitos à vida criminosa.

Não se pode deixar de pontuar que alguns eventos marcaram a década de 1990 evidenciando o recrudescimento do Estado em relação à população pobre e periférica. Isso ficou salientado em dois eventos ocorridos em dois estados estratégicos no cenário nacional: Rio de Janeiro e São Paulo. O primeiro diz respeito ao Massacre do Carandiru.

Em 02 de outubro de 1992, uma intervenção da Polícia Militar do Estado de São Paulo, liderada pelo coronel Ubiratan Guimarães, na Casa de Detenção de São Paulo resultou na morte de 111 detentos. O episódio conhecido como Massacre do Carandiru, foi a mais violenta ação da história do já violento sistema prisional brasileiro, sendo um marco indiscutível na história social do país, dada a repercussão nacional e internacional que obteve (D'ANDREA, 2013, p.54).

A população carcerária no Brasil é (historicamente) constituída, em sua maioria, de negros e pobres, moradores de periferia. Muitas dessas pessoas ingressaram na vida do crime por falta de oportunidades ou mesmo falta de um referencial familiar que lhes pudesse servir de orientação e estímulo ao estudo, trabalho e cultura. Quando isso não ocorre a tendência é orientar-se pelo referencial mais próximo. Soma-se a isso a ausência e ineficácia do Estado e tem-se grupos de pessoas entregues à marginalidade e ao crime.

Jessé Souza explica a diferença entre a criação das crianças da classe média (e classe A) em relação às crianças pobres e de periferia.

A classe média, afinal, chega na escola conseguindo se concentrar nos estudos, porque já havia recebido estímulos para direcionar sua atenção aos estudos e à leitura, antes, por estímulo familiar. Como a família também compra seu tempo livre para que possa se dedicar

integralmente à escola a pré-história do vencedor predestinado ao sucesso se completa (SOUZA, 2017, p.97).

Quando se tem uma boa estrutura familiar as coisas corroboram para o sucesso pessoal e profissional, pois já há uma visão de mundo presente e uma projeção em relação ao futuro valorizando os elementos que servirão como diferencial num momento próximo. Já com as classes excluídas ocorre o contrário.

Na família dos excluídos, tudo milita em sentido contrário. Mesmo quando a família é construída como pai e mãe juntos, o que é minoria nas famílias pobres, e os pais insistem na via escolar como saída da pobreza esse estímulo é ambíguo. A criança percebe que a escola pouco faz para mudar o destino de seus pais, por que ela iria ajudar a mudar o seu? (SOUZA, 2017, p.97).

Sendo essa uma constatação as poucas alternativas que restam são justamente o trabalho sem qualificação específica e a atividade criminal - vista algumas vezes como ascensão social e ostentação de vida. Outrossim, o Estado brasileiro historicamente não assiste as populações excluídas de forma satisfatória. Esse processo é vivenciado desde a abolição da escravidão. Todavia nos anos de 1990 a política adotada não se restringiu à negligência, mas ganhou contornos de violência seja por parte do Estado de forma institucionalizada (como no Massacre do Carandiru) ou seja por ações de pessoas que se utilizam do aparato do Estado para agir de forma violenta como foi o caso Massacre da Candelária no Rio de Janeiro (segundo evento marcante no início dos anos 1990) como destaca também D'Andrea.

Tempos depois do Massacre do Carandiru, o Brasil acordava chocado com mais um massacre. Na madrugada de 23 de julho de 1993, oito crianças e adolescentes (dos quais dois com mais de 18 anos) foram assassinadas em frente a Igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro. Os assassinos eram policiais e ex-policiais que abriram fogo contra mais ou menos setenta crianças em situação de rua que dormiam nos arredores da igreja (D'ANDREA, 2013, p.54).

Diante do cenário descrito uma das poucas alternativas aos jovens de periferia foi a criação de movimentos e eventos culturais para poder sobreviver à realidade hostil em que se inseriam. Pelo fato de enfrentar os problemas e dificuldades inerentes à população de periferia tanto o livro de Ferréz como o Cd do Racionais MC's possuem títulos emblemáticos. O livro é intitulado *Capão pecado* e o Cd *Sobrevivendo no inferno*. Curiosamente os dois trazem palavras ligadas ao contexto teológico. Inferno e pecado são termos comumente utilizados nos círculos religiosos.

Para a população periférica a década de 1990 foi infernal, uma vez que, não se tinha muitas expectativas de ascensão social e as políticas adotadas penalizaram os mais

pobres. Sendo assim, manter-se vivo já se constituía numa atitude de resistência e insistência de não subserviência ao sistema de forma dócil e passiva. Nesse sentido, a juventude encontrou no hip-hop a maneira de ressignificação e produção de subjetividade. Por vezes essa resistência se fez por meio de letras de protestos e atitudes e posições políticas aliadas a partidos progressistas e ONG's, mas em outros casos buscava-se simplesmente alternativas de diversão e lazer sem fins políticos.

Ao final dos anos 1990 o grupo Racionais MC's lançou o disco *Sobrevivendo no Inferno* para falar dos dramas e dilemas dos jovens negros periféricos de São Paulos de demais periferias do Brasil. Com isso conseguiram um *record* de vendagem e sucesso em praticamente todas as letras contidas no álbum. Chama a atenção o caráter teológico da obra abordando os mais variados temas sob um prisma social com acentos antropológicos, culturais, sociais, músicas entre outros. De forma que por meio de algumas canções pode-se observar um discurso teológico que tende a colocar o rap como uma espécie de caminho para salvação e novo *ethos* periférico. Resta-nos identificar esse caminho e sinalizar sua congruência com a teologia na letra de *Gênesis*.

Faremos isso por meio do *princípio pluralista* (que será melhor abordado no próximo tópico) por ser ele um instrumento hermenêutico de mediação e facilitador do diálogo interdisciplinar. Como nosso intuito é fazer a interface entre rap e teologia tomaremos esse referencial como orientação em nossa incursão.

## 2- “O homem me deu a favela, o crack, a traiagem...”

Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor  
O homem me deu a favela, o crack, a traiagem  
As arma, as bebida, as puta  
Eu?  
Eu tenho uma bíblia veia, uma pistola automática e um sentimento de revolta  
Eu tô tentando sobreviver no inferno  
(Gênesis, RACIONAIS MC'S, 2018, p.45).

Curiosamente o grupo Racionais MC's adotou em *Sobrevivendo no Inferno* um tom religioso em suas músicas e na própria confecção da obra em si. Tal perspectiva teria o intuito de sinalizar para o rap – no qual o sujeito pobre, negro e periférico é protagonista – como uma espécie de salvador. Conforme afirma Takahashy:

A reutilização contemporânea do livro bíblico de *Êxodo* é expressa no álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) através da narrativa da trajetória do povo negro de periferia. Se os hebreus são “o povo de Deus do passado”, os “homens negros” de periferia seriam o “povo de Deus no presente” (TAKAHASHY, 2014, p.40).

Essa é uma ressignificação importante quando se trata de novos lugares; novos sujeitos históricos e uma nova interpretação da realidade, pois consegue contemplar realidades distintas através de um viés próprio, que passa a ser contado pelo sujeito da periferia com uma linguagem da própria periferia. Um dos intuitos do rap é exatamente esse: ser a voz dos que não tem voz.

Nossa incursão na primeira parte desse texto visou mostrar, justamente isso: como a década de 1990 se tornou um pesadelo para os jovens negros de periferia e como estes tiveram que ressignificar sua vida; costumes; linguagem; inserções sociais para poderem não somente sobreviver, mas também expressar-se e posicionarem-se em relação à realidade que os circundava.

A letra de *Gênesis* aponta para um sujeito revoltado com a realidade periférica em que vive; com fé e um sentimento de resistência. A tentativa é sobreviver ao “inferno” que se tornou a vida do pobre periférico. No rap as estruturas opressoras do Estado são traduzidas pela alcunha de *sistema*, que por seu caráter racista e discriminatório teria gerado uma discrepância social fazendo com que a periferia fosse privada de recursos, oportunidades e da dignidade que todo o cidadão deveria desfrutar. Nesse sentido, Takahashy nos auxilia a compreensão da estruturação do “inferno” na concepção dos Racionais.

O *sistema* seria a estrutura dominante injusta que oprime e explora a classe popular, os moradores de periferia, de modo a deixá-los submissos e docilizados. Esse seu poder estrutural possui um teor absoluto e autoritário, tal como é conhecido o governo de faraó (TAKAHASHY, 2014, p. 44).

A analogia entre sistema de dominação; opressão e inferno é feita tendo como interlocução a história bíblica dos hebreus, oprimidos por faraó, e sua libertação rumo à Canaã. Na proposta de Takahashy esse é o eixo de ligação entre *Sobrevivendo no Inferno* e uma concepção teológica.

Existir e resistir a esse sistema (racista, excludente e opressor), em si, já é um ato de extrema coragem. No entanto, o que é motivo de singularidade e novidade epistêmica é ter o sujeito que sofre a opressão sendo protagonista da própria história – na amplitude que a obra do grupo conseguiu atingir. De maneira geral, quem conta a história “oficial” faz parte de uma estrutura privilegiada (com aparato econômico e midiático) e narra os fatos por intermédio de histórias e memórias sob o ponto de vista da classe dominante. Com o rap dos Racionais ocorre o contrário.

Nesse sentido, consideramos o *princípio pluralista* como elemento articulador que coaduna com tal novidade epistêmica, pois sua concepção central se pretende apresentar como instrumento de diálogo que visa favorecer novos lugares e novos sujeitos de enunciação. Cláudio Ribeiro, que define o método da seguinte maneira:

Ele é um instrumento hermenêutico de mediação teológica e analítica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade a experiências, grupos e posicionamentos que são gerados nos “entrelugares”, bordas e fronteiras das culturas e das esferas de institucionalidades. Ele possibilita divergências e convergências novas, outros pontos de vistas, perspectivas críticas e autocríticas para diálogo, empoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder presentes na sociedade (RIBEIRO, 2021, p.25-26).

Esse aporte hermenêutico possibilita a leitura de uma ótica teológica do rap visando contemplar a fala e o protagonismo dos integrantes e letristas do grupo, que narram suas trajetórias e dilemas com uma interpretação autêntica. Isso é o que Ribeiro denomina como empoderamento, uma vez que, outrora essa empreitada se fazia improvável, mas com o domínio da palavra e a divulgação das canções através da própria juventude da periferia a abordagem apresentada pelo grupo tornou-se praticamente impossível de ser ignorada, tanto pelos mecanismos ideológicos midiáticos, quanto pela própria população de periferia.

Interessante é pensar que em meio a uma música de protesto e resistência o tema da espiritualidade esteja tão presente, podendo assumir as mais diversas variações e ser analisada por prismas igualmente diversos. Para a psicanalista Maria Rita Kehl a imagem de Deus visa substituir a ausência da figura paterna e sinaliza uma espécie de estrutura de apoio e referência de resistência.

Deus é lembrado como referência que “não deixa o mano aqui desandar”, já que todas as outras referências (“rádio, jornal, revista e outdoor”) estão aí para “transformar um preto tipo A num neguinho”. Deus é lembrado como pai cujo desejo indica ao filho o que é ser um homem: um “preto tipo A”. Pela primeira vez, fez sentido para mim a frase “Jesus te ama”, que vejo freqüentemente colada nos vidros dos carros (embora naqueles casos, a meu ver, o sentido propagandístico, voltado ao aliciamento e à domesticação do outro, predomine sobre o sentido de auto-ajuda da utilização de Deus feita por Mano Brown); pois é preciso que o Outro me ame, para que eu possa me amar. É preciso que o Outro aponte, a partir do seu desejo (que não se pode conhecer, mas a cultura não cessa de produzir pistas para que se possa imaginar), um lugar de dignidade, para que o sujeito sintase digno de ocupar um lugar (KEHL, 1999, p.100).

A imagem de Deus é tida como elemento psicanalítico e gerador de significado para sanar o sentido de falta. Tal ponto de vista é fruto de uma leitura que concebe a produção de sentido como resposta (positiva ou negativa) à ideia da ausência. Outrossim, não se pode desprezar a significação teológica que a utilização desses conceitos possui, pois ao fazer a dicotomia entre o que Deus fez e o homem fez infere-se que as coisas boas, belas e puras estariam ligadas a uma criação suprema. Da mesma sorte os conceitos de inferno e maldade estariam relacionados a esse distanciamento de Deus e estruturação de um sistema perverso.

A forma teológica de retratar os protestos e colocar-se como protagonistas das próprias histórias é contemplada pelo *princípio pluralista* à medida em que avança em direção à dimensão antropológica e dialoga com necessidades insurgentes, que são expressas mediante novas formas. Como bem sinaliza Ribeiro:

Na dimensão antropológica precisamos elencar a necessidade de uma nova linguagem teológica, forjada nas expressões da corporeidade, da sexualidade e dos desejos humanos, associadas às dimensões místicas de formas de vida marcadas pela alteridade, pela afirmação da diferença, pela poesia e pelo empoderamento de grupos subalternizados como os de homossexuais, indígenas, trabalhadores e trabalhadoras rurais, grupos de base especialmente de mulheres, de negros e de jovens (RIBEIRO, 2021, p.36-37).

Essa nova linguagem descrita por Ribeiro pode ser observada em várias letras do grupo, mas na faixa *Gênesis* ela traz um tom de introdução a um problema: o dilema da sobrevivência na periferia de São Paulo dos anos 1990. Não somente a noção de Deus desponta como elemento teológico, mas também a imagem da Bíblia “Eu tenho uma bíblia veia, uma pistola automática e um sentimento de revolta” (RACIONAIS MC’S, 2018, p.45).

A Bíblia ao lado de um sentimento de revolta pode sugerir uma leitura teológica alternativa à trivial. Há de se perguntar qual seria essa leitura. Certamente não se trata de uma leitura conservadora e tradicional feita historicamente por intermédio da manutenção do *status quo* e nem a leitura que compreende o pobre, negro, oprimido como corpo docilizado e passivo em meio as dificuldades impostas pelo sistema. Ao mesclar elementos de resistência visando conferir protagonismo ao povo de periferia a imagem de Deus apresentada pelo grupo é concebida por meio de um *locus* específico; com uma causa específica. Como destaca Takahashy.

Na gênese de Deus, este Deus é étnico e racial, não universalista: hebreu na narrativa bíblica e negro na narrativa periférica. Essa reatualização bíblica dos Racionais Mc’s não somente utiliza a bíblia

como narrativa contra-histórica, mas a própria releitura bíblica é também contra-histórica, cuja a memória histórica do povo negro enquanto “escolhido por Deus” foi enterrada. A Bíblia é um modelo, ou mesmo uma analogia e uma metáfora para a gestão política da população contemporânea. Se na narrativa bíblica a política de extermínio era o povo egípcio exterminar o povo hebreu, na política de gestão paulistana, a política de extermínio é em relação aos negros, pobres e de periferia, esses sujeitos seriam denominados pelos Racionais Mc’s enquanto “sobreviventes”, ou de modo específico “sobreviventes do inferno”, Inferno este que é territorializado nas periferias urbanas. Se na Bíblia houve a “fúria” divina que combateu contra os egípcios e o Faraó, no caso periférico são os próprios “sobreviventes” que precisam lutar contra esse *sistema* racista (TAKAHASY, 2014, p.59).

A leitura que se faz atendendo a essa letra é de uma realidade contextualizada. As imagens religiosas e símbolos são ressignificados para serem utilizados numa nova configuração pelo grupo. O sujeito da periferia, através do rap e uma nova visão com relação à sua realidade, interage de forma diferente com seu mundo visando a construção de um espaço de esperança. Esse é um dos conceitos utilizados por Ribeiro quando trata dos entrelugares como novos espaços de enunciação. Como conceitua na pontuação do método “Ele é um instrumento hermenêutico de mediação teológica e analítica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade a experiências, grupos e posicionamentos que são gerados nos “entrelugares” [...]” (RIBEIRO, 2021, p.26).

Atendendo a esse método é permitido conceber o rap dos Racionais como produtor de sentido e com cunho teológico capaz de mobilizar as massas periféricas conferindo-lhes valor e um sentimento de pertença que transcende a mera repetição de letras e versos. Para D’Andrea “[...] cabe lembrar que a obra dos Racionais, com suas letras duras e reais ajudaram a criar uma nova forma de interpretação do que seria periferia.” (D’ANDREA, 2013, p.111). Em conjunto com o *princípio pluralista* podemos entender que há aspectos na obra do grupo que orientam no sentido de uma espiritualidade cotidiana.

Ribeiro, tratando do tema da espiritualidade a partir do pluralismo, afirma que: “um destaque em nossas reflexões é a norma bíblica que (re)orienta nossa compreensão teológica. Trata-se de valorizar a experiência do Êxodo, marca fundamental da experiência latino-americana, que nos permite ver a “força histórica dos pobres” [...]” (RIBEIRO, 2018, p.95). Infere-se a partir dessa afirmação que se pode buscar formas de resistência à semelhança da experiência bíblica para se viver e expressar, de forma plena, a espiritualidade concreta; histórica e ligada às questões materiais dos grupos. Sendo assim, a proposta de *Gênesis* coaduna com uma espécie de práxis histórica de libertação

atrelada ao compromisso social de determinado grupo. No caso em questão trata-se dos pobres periféricos, que transversalmente ao rap, insurgem-se contra o sistema de dominação e opressão. Essa forma de ser e postar-se diante da realidade é classificada como uma das maneiras de espiritualidade, pois orienta-se rumo à libertação e tem como conteúdo ético a vida.

Na concepção de Ribeiro a espiritualidade pode ser praticada e vivenciada de forma livre e plural. Entretanto, a letra de *Gênesis* evidencia a crença em Deus e a tentativa de sobrevivência tendo uma Bíblia como referência. A arma e o sentimento de revolta dão contornos finais à letra. Resta-nos analisar como se pode coadunar a vivência de uma espiritualidade “transgressora”; a libertação, e o sentimento de revolta descrito pelo grupo.

### 3. “ Eu tenho uma bíblia veia, uma pistola automática e um sentimento de revolta...”

A Bíblia na concepção dos Racionais possui uma forma contextualizada e que confere sentido às pessoas que se utilizam dela para pautar algum tipo de atitude. Temos insistido que a leitura dos Racionais MC’s baseia-se numa abordagem do livro do Êxodo, em que o povo hebreu era oprimido pela monarquia dos faraós e lutou por sua libertação. Avançando na análise e situando as relações no âmbito da política, pode-se sugerir que o povo de Israel se insurgiu contra um Estado estabelecido em nome de Deus. Tal desobediência estaria, inclusive, em conformidade com a própria vontade de Deus, pois o mesmo não endossara a escravidão de seu povo, conforme o relato bíblico.

James Cone, precursor e difusor da Teologia Negra faz uma análise do tema, de modo, a situar sociologicamente a leitura e insistir na premissa de que o povo de Israel era um povo negro. Dessa forma, sustenta a imagem de que todos os que são comprometidos com as causas do Reino de Deus devem posicionar-se na mesma ótica apresentada na Bíblia. Tal posicionamento necessita se dar em prol dos oprimidos e vilipendiados socialmente. Conforme expressa: “Concordemente, não pode evitar de tomar partido em política, e o partido que a teologia deve tomar é revelado pelo partido que Iahweh tomou [...]. Se a teologia não ficar ao lado dos pobres, então ela não pode falar de Iahweh, que é o Deus dos pobres” (CONE, 1985, p.82).

Quando a letra menciona: “Eu tenho uma bíblia veia, uma pistola automática e um sentimento de revolta” (RACIONAIS MC’S, 2018, p.45) busca-se fazer a conexão da reivindicação de um lugar social de luta e transformação em consonância com uma leitura

bíblica influenciada pelo conceito de libertação em relação ao Estado opressor. Se no passado o Estado oprimia por meio da escravidão e suplícios impostos ao povo, na década de 1990 vedava oportunidades e legava à juventude negra, pobre e periférica um papel de marginalidade com relação ao sistema. Por isso a empreitada no sentido de libertação é tratada na forma de insurgência.

Ribeiro em sua abordagem denomina essa atuação como espiritualidade da transgressão, que implica em transgredir uma lei ou situação hostil para salvar vidas. O autor faz uma ressalva importante: “É fato que a compressão da transgressão como salvação se assenta sobre um conceito dúbio, pois depende do ponto de vista dos que transgridem e dos que julgam a transgressão, contextos sempre marcados por relações de poder” (RIBEIRO, 2021, p.221), outrossim reconhece o valor de tal prática quando está à serviço da vida.

Estamos, portanto, diante de uma dimensão concreta, não especulativa, da fé. É salvar a vida em sua concretude e realização. Espiritualidade é o profundo respeito por todos os seres criados e a preservação da vida; trata-se de aprender a acolher a interdependência vital que caracteriza o universo e nos faz viver; é a educação pessoal e comunitária para valores de convivência (RIBEIRO, 2021, p.221).

Se assumirmos a concepção de Ribeiro podemos entender que a proposta de enfrentamento do sistema indicada pelo rap dos Racionais faz parte da espiritualidade da transgressão, pois visa como fim último a manutenção, promoção e perpetuação da vida. A estrutura hostil da sociedade e as lacunas deixadas pelo Estado legaram à população pobre um dilema de sobreviver como substrato do capitalismo. A dignidade e uma vida com mais recursos não vigoravam como opção, pois os entraves sociais eram estruturados desde a infância desses moradores. A tomada de consciência dessa realidade e a resistência passam a despontar como alternativas de sobrevivência.

Embora possa haver divergências quanto a interpretação que doravante será empreendida enfatizaremos a premissa de que algumas palavras devem ser tomadas em seu sentido simbólico. Quando se faz menção à pistola (arma) pode-se entender que: (1) o grupo pregava uma luta armada no sentido real, (2) ou que a arma seria a palavra pregada pelo rap. Nesse sentido optaremos pela segunda hipótese entendendo que estamos tratando de uma violência simbólica, visto que, os analistas do trabalho do grupo assim assentem.

Eis que surgem os Racionais: uma produção artística que não pregava a revolução armada, mas que se tornou política pelo simples fato de retratar a realidade e de colocar em cena a vida cotidiana da periferia,

em um momento em que a opinião pública era dominada por falseamentos e discursos tergiversadores, por programas televisivos programados para defender o *status quo* e por campanhas publicitárias fetichizadas prontas para defender as necessidades do consumo e da produção capitalista (D'ANDREA, 2013, p.133).

Talvez a pistola represente mais um símbolo de arma-se no sentido figurado; de domínio da palavra e leitura crítica das circunstâncias do que um estímulo à uma luta armada partido da periferia. Ademais, qualquer conflito contra o Estado de forma espontânea ou mesmo por ocasião do crime organizado tende a ser inviabilizado seja da lei; da opinião pública ou mesma por parte da aceitação dos moradores de periferia.

A noção de um “armamento” por meio da consciência e da palavra sugere uma revolução muito mais radical do que a bélica. Uma vez que passa a conceber a realidade a partir de seus problemas. Pensa-se a periferia pelo prisma do morador periférico. Sendo assim, a revolução contra-ideológica se faz quando se conhece a realidade; sabe que a mesma é construída por conta da desigualdade e exploração e busca-se problematizá-la e superá-la pela consciência da suplantação desses dilemas.

Seria o rap uma revolução (‘armada’) estruturada por intermédio da palavra? Takahashy assim observa essa questão

Dessa maneira a noção de *palavra* seria um termo polissêmico que denunciaria as injustiças sociais nas periferias urbanas com o uso da “voz ativa”, descreve o cotidiano dos moradores dos bairros periféricos, caracterizado por sua cadência rítmica e sua poesia, e expressado com paralelos religiosos de modo a “aliviar o sofrimento”, se aproximando de categorias de expressão do universo pentecostal como o “testemunho” e o “evangelho” (TAKAHASHY, 2014, p.47-48)

Provavelmente um dos maiores temores das estruturas dominadoras que exercem o poder social e político seja o domínio da palavra; escrita; arte; cultura e comunicação de forma geral por grupos considerados subalternizados. Quando se tem o domínio dessas estruturas (ou entes de mediação no sentido filosófico) pode-se reivindicar lugares e novas formas de interação com a realidade social e política.

Por vezes em algumas letras de rap do grupo personalidades negras religiosas são mencionadas como exemplo de atuação. Destaque para Malcolm X e Martin Luther King. Ambos eram religiosos e ativistas pelos direitos dos negros na década de 1960 nos Estados Unidos. Chama atenção o fato de ambos também serem pregadores religiosos. O primeiro pertencente a um ramo do islamismo conhecido como Nação Islã e o segundo um pastor batista.

A atuação desses homens gerou um despertar de consciência e atuação em sua época. Em comum: a palavra como instrumento de mediação. De igual forma o grupo Racionais pleiteou com suas letras e posicionamento sócio-político.

Em conformidade com a perspectiva do *princípio pluralista* podemos analisar que esse intento assemelha-se à leitura proposta uma vez que: “Tal perspectiva teológica também contribuiu no alargamento da visão que se refere ao empoderamento de pessoas e grupos empobrecidos, auxiliando-me a ajudá-los no enfrentamento de situações moldadas por injustiças sociais e discriminações” (RIBEIRO, 2021, p.198).

Quando os Racionais estabelecem a interlocução entre rap e realidade das periferias passam a traduzir em forma de música a realidade vivida por milhares de pessoas no contexto paulista e milhões no contexto nacional. Vislumbrar essa realidade por articulação do *princípio pluralista* é favorecer o diálogo pelo viés teológico entre rap e teologia. Sendo assim, depreendemos que as propostas são convergentes e há a plausibilidade de entender *Gênesis* através de um ângulo teológico, visto que, alguns pontos são convergentes, sobretudo, no que tange à reivindicação e luta pela vida.

A tentativa de “sobreviver no inferno” revela, além de uma crítica social descrita como infernal por parte do grupo, uma insistência em afirmar vida como valor fundamental. Deve também fazer a seguinte indagação: viver como? A reivindicação não sinaliza apenas para a vida num sentido de reprodução e perpetuação do modelo de pobreza e exclusão vigente, mas indica uma vida com dignidade e condições de mudança de melhora de condições sociais.

Mais uma vez se tem a convergência entre a proposta do rap dos Racionais e a noção de espiritualidade. Como bem situa Ribeiro quando define o conceito de uma espiritualidade como defesa radical intransigente em prol da vida. Em suas palavras a espiritualidade “É a ideia de uma aposta existencial da radicalidade pela vida, de relativização de projetos humanos ou mesmo das coisas secundárias e menores que muitas vezes marcam o nosso dia a dia, a dinâmica de nosso trabalho e os nossos relacionamentos” (RIBEIRO, 2021, p.199).

Nesse sentido as palavras, por vezes radicais, das letras do grupo expressam, na verdade, um sentimento de luta pela vida, que é aviltada insistentemente por projetos políticos e sociais, que penalizam essencialmente os negros e pobres das periferias. Ao mostrar a realidade “das ruas” e insistir numa crítica social que vise a superação desses entraves o rap cumpre não somente uma função de denúncia, mas de anúncio da esperança por meio de uma mudança de consciência e ação por parte da população oprimida. Não

se trata de uma revolução bélica, mas de uma revolução do pensamento, de domínio da palavra e da consciência para compreender e pleitear uma melhora de condições de vida.

A luta pela sobrevivência feita por um viés de cunho religioso assemelha-se à luta dos hebreus com relação a faraó. Em ambos os casos se tem a noção de libertação e melhora de condições de vida. Sair da escravidão do sistema e viver uma vida digna com condições de desfrutar do lazer com a família; praticar um esporte de forma adequada e viver uma realidade sem o estigma da pobreza extrema e da opressão. Essas são as pautas que vigoram nas letras do grupo e perfazem a ideia da sobrevivência naquilo que se tornara uma espécie de inferno.

Na concepção do grupo sobreviver é afirmar a vida em todas as suas dimensões. Sendo assim. A luta pela sobrevivência encontra no aporte teológico um vértice convergente que faz com que as letras do grupo Racionais MC's sejam abordadas por esse prisma.

## CONCLUSÃO

O *princípio pluralista* como instrumento de mediação e análise permite a leitura teológica da obra dos Racionais MC's. Ao constatar algumas realidades e congruências pode-se ampliar a abordagem da teologia e seu campo de atuação. Sem dúvidas toda e qualquer análise sociológica da realidade interessa à teologia, pois a esta deve ligar-se à vida de forma inequívoca.

Ao estabelecer a vida como elemento em torno do qual se estabelece o diálogo teologia e rap encontram-se e sinalizam para caminhos novos e pouco explorados. As dimensões artísticas da vida necessitam de uma abordagem precisa que as contemplem de forma ampla. Por isso assumimos uma postura de defesa de tal diálogo, sua abordagem e aprofundamento no que tange ao debate teológico.

O presente artigo, dessa forma, busca ser uma “voz” que insiste no diálogo como elemento de articulação e busca de conhecimento. Por isso defendemos a premissa de um saber teológico construído de forma plural.

## REFERÊNCIAS

CONE, James H. **O Deus dos oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos:** cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese de doutorado em sociologia. São Paulo. Universidade de São Paulo.

FERRÉZ. **Capão pecado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KEHL, Maria Rita. **Radicais, Raciais e Racionais** – a grande fúria do rap na periferia de São Paulo. São Paulo: São Paulo em perspectiva, p. 95-106, 1999.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **Por onde andei:** trajetos pessoais e o princípio pluralista. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

\_\_\_\_\_. **O princípio pluralista.** São Paulo: Paulinas, 2020.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TAKAHASHI, Henrique.Y. **Evangelho Segundo Racionais Mc's:** ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais nas narrativas do rap. 2014. Dissertação de mestrado em sociologia. São Carlos. Universidade Federal de São Carlos.